

## **CARAMINHOLAS: O PODCAST COMO MEDIADOR DO FAZER ANTROPOLÓGICO**

PEDRO HENRIQUE GUATURA DARLAN<sup>1</sup>; DANIELE BORGES BEZERRA<sup>2</sup>;  
CLÁUDIA TURRA MAGNI<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [pedrodarlan01@outlook.com](mailto:pedrodarlan01@outlook.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [Borgesfotografia@gmail.com](mailto:Borgesfotografia@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [clauturra@yahoo.com.br](mailto:clauturra@yahoo.com.br)

### **1. INTRODUÇÃO**

A inspiração para este trabalho surge da minha contribuição com o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS) enquanto bolsista e editor do podcast Caraminholas. Este projeto de extensão faz parte da pesquisa do doutorado em Antropologia da Professora Daniele Borges Bezerra, que busca interlocução com Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes (MIOV), o qual propõe uma perspectiva não patologizante sobre as pessoas que ouvem vozes e seus familiares no contexto das Novas Abordagens em saúde mental.

O LEPPAIS, projeto de extensão permanente, criado em 2008 pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudia Turra Magni, está localizado no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl). Sua finalidade é estimular, promover apoio técnico e, ao mesmo tempo, propor reflexões teórico-metodológicas no campo das linguagens visuais e audiovisuais, com ênfase nos processos de pesquisa e na divulgação de seus resultados, contribuindo assim com o compromisso ético e político de restituição social da produção acadêmica e de uma ciência mais acessível para o público em geral e para os interlocutores da pesquisa em particular.

Nesse sentido, o podcast Caraminholas situa-se entre o campo da Antropologia das Emoções e dos Sentidos e o campo da Antropologia da Saúde, como um espaço de divulgação e junção que ultrapassa os limites acadêmicos, um local de extensão onde instituição e sociedade se encontram. Além de ser fomentado pelo LEPPAIS, o projeto também ampara-se em parcerias com a Unipampa de Uruguaiana e o Instituto Federal do Rio Grande do Sul. Os episódios têm periodicidade mensal, embora os quatro primeiros tenham sido lançados quinzenalmente.

O marco norteador deste relato sobre minha atuação neste projeto é o questionamento sobre o modo como o podcast atua como mediador do encontro etnográfico e a sua contribuição para o desenvolvimento de uma antropologia compartilhada, que pode ser potencializada pelas novas tecnologias.

### **2. METODOLOGIA**

Ainda sobre os efeitos de isolamento social provocados pela pandemia da Covid-19 o processo de elaboração do podcast se mantém virtual, contando com o uso dos espaços do LEPPAIS e atenção às normas sanitárias da UFPEl.

Atualmente a equipe do podcast Caraminholas é composta por estudantes na graduação em antropologia, docentes em enfermagem, ativistas, artistas e a Professora Daniele Borges Bezerra. No dia-a-dia, o grupo troca informações e

mensagens através do aplicativo de celular whatsapp e a articulação dos episódios é feita por esta mídia social, concentrando arquivos e cronogramas numa pasta no drive compartilhada entre os membros da equipe.

A organização deste material, bem como a edição dos episódios do podcast Caraminholas, disponível em: <https://open.spotify.com/show/2LT4R0bZftPxAlEOqZGHZv>, é realizada por mim, enquanto roteirista e produtor, e a edição se dá através do programa VEGAS Pro 14 Edit Steam Edition e Audacity.

Sobre a roteirização e seu processo, quando pensamos nos temas já temos em mente possíveis participantes e a quem convidar. Uma vez confirmadas as participações, iniciamos o processo conjunto de produção do roteiro, que é geralmente movido pelas experiências das pessoas convidadas. Após dadas algumas instruções técnicas, os participantes gravam e nos enviam o material e a pessoa responsável pela produção faz as costura do conteúdo em diálogo com o tema geral do episódio, a partir disso se estabelece outros elementos como música e intervalo poético e o editor dá corpo ao episódio. A primeira versão é, então, disponibilizada para o grupo, para que opinem antes da finalização do episódio. No princípio, a Professora Daniele Borges Bezerra traçou um cronograma com diversos temas que se relacionam com a saúde mental e a percepção sensorial, porém a ordem de criação dos episódios é feita por meio de escolha de qual tema flui mais do que outro, no sentido da disponibilidade dos participantes. Os episódios também podem surgir a partir da sugestão de membros e integrantes do podcast, como no caso do episódio 5 “Desabafo: O fio de uma narrativa de resistência”, que partiu da sugestão de um interlocutor e instigou o debate sobre o tema, reunindo outras pessoas interessadas em compartilhar suas vivências traumáticas em situações de saúde experimentadas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Rose Satiko (2013), em seu artigo Rouch Compartilhado: Premonições e Provocações para uma antropologia contemporânea, menciona o fato de Jean Rouch (1917-2004), em suas palavras: “ter sido um híbrido de cineasta e antropólogo, o que eleva a sua produção para o bom pensar dos dois fazeres” (p.) Ele certamente não era um antropólogo “podcaster”, o que estaria fora de seu tempo, mas seus ensinamentos sobre uma Antropologia Compartilhada nos permitem produzir pesquisas a partir dos mesmos conceitos e paradigmas através de outras mídias.

A Antropologia de Rouch possui caráter transformador e político, pela forma que conduz o trabalho com seus interlocutores, ao mesmo tempo em que evidencia as mudanças no continente africano pouco ou quase não evidenciadas em outros trabalhos etnográficos em sua época. Pois, ao invés de um continente pretensamente parado no tempo, cujos povos seriam objeto de investigação de pesquisadores europeus, ele demonstra uma África que enfrenta os processos de urbanização e luta pela liberdade, em que todo protagonismo e agência é atribuído aos seus interlocutores de pesquisa, numa construção compartilhada do saber produzido através do encontro etnográfico. O processo que evidencia, atravessa temas delicados e sensíveis, a partir de uma “antropologia do choque” (no sentido de se encontrar ou deparar com outra realidade) que leva ao leitor ou

telespectador a reflexão dos temas abordados, mesmo que de maneira inconsciente, pois ela tem o teor provocante de nos impactar<sup>1</sup>.

“Para Stoller, Rouch faz um cinema da crueldade, cujo objetivo não é recontar, mas apresentar um conjunto de imagens desconcertantes, provocadoras que objetivam transformar a audiência psicologicamente e politicamente. Rouch queria transformar seus espectadores, mudar suas certezas culturais.” (Satiko, 2013,p.2)

Com isso quero dizer que enxergo na produção do podcast Caraminholas o mesmo teor provocativo e desconcertante de Jean Rouch, pois através dele buscamos apresentar ao público a perspectiva antimanicomial das pessoas que ouvem vozes, de estudiosas/os e militantes do MIOV, e dessa forma, gerar uma “transformação psicológica e cultural”(Satiko,2013) em termos da perspectiva hegemônica, guiada pela Psiquiatria tradicional.

Distante de um propósito comercial, nosso podcast não se encaixa nos padrões de outras grandes e consolidadas produções da pódosfera, pois faz parte de um fazer antropológico que não privilegia o aspecto técnico e sim a sua relevância enquanto mediador da pesquisa antropológica. Neste sentido, o Caraminholas integra a Rádio Kere Kere (<https://radiokerekere.org/>), que reúne 19 podcasts em Antropologia e Ciências Sociais e tem promovido uma enorme contribuição para a renovação e ampliação dos formatos de divulgação científica.

#### 4. CONCLUSÕES

As ideias aqui apresentadas, em diálogo com Jean Rouch e sua antropologia compartilhada, são parte e fruto dos meus estudos e pesquisas na área da Antropologia Audiovisual, que se intensificaram no semestre passado graças a bolsa a qual fui contemplado no LEPPAIS. Uma oportunidade que me estimula a pensar a “pódosfera” como campo de pesquisa.

Acredito e espero, através deste resumo, ter demonstrado que esta nova interface pode ser entendida como mediadora do fazer antropológico, desde que seja usada com o devido rigor metodológico e cuidados éticos. Um desafio que percebemos é a necessidade de adequarmos ainda mais a linguagem para superarmos as barreiras da escrita acadêmica, proporcionando melhor diálogo com a comunidade. Percebemos desde já a potência desse modelo de mídia enquanto difusor do conhecimento.

---

<sup>1</sup>É o caso de os Mestres Loucos (1955)

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HIKIJ, Rose. **ROUCH COMPARTILHADO: PREMONIÇÕES E PROVOCAÇÕES PARA UMA ANTROPOLOGIA CONTEMPORÂNEA**. Porto Alegre, Iluminuras, 2013.

KERE-KERE. **Viver antropologia e fazer podcast em rede**. 2022. Disponível em: <<https://radiokerekere.org>>. Acesso em: 14 de agosto de 2022.

LEPPAIS. **Laboratório de Ensino e Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e Som**. 2022. Disponível em; <<https://wp.ufpel.edu.br/leppais/>>. Acesso em: 14 de agosto de 2022